

Mais-que- -binário

Fábio Danillo
Alves de Oliveira

Mais-que- -binário

Fábio Danillo

Alves de Oliveira

Nota da editora

A primeira versão deste ensaio foi escrita durante a disciplina “Antropoceno, Antropologia e Educação (diante das urgências climáticas)”, oferecida pelo professor Paulo Maia para a turma do Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Agradecemos a Paulo Maia por ter proposto a publicação, e a Fábio Danillo Alves de Oliveira por ter aceitado.

I. Máquinas

Could I interest you in everything all of the time?

A little bit of everything all of the time

Apathy's a tragedy, and boredom is a crime

Anything and everything all of the time

“Welcome to the Internet”

Bo Burnham

O mundo está acabando. Mas está tudo bem, isso nós já sabíamos desde o nascimento. Para pessoas como eu, que nascemos próximo à virada do milênio, o fim do mundo já estava anunciado. O que mudou foi que, antes, nós precisávamos realizar pequenas ações, não jogar o lixo na rua, fechar a torneira quando escovávamos os dentes, tomar banhos mais rápidos; agora alguns percebem que essas pequenas ações não darão conta de amenizar a resposta de Gaia. Evocando as palavras de Elizabeth Povinelli,¹ a catástrofe já aconteceu e estamos lidando com suas repercussões. As feridas da exploração colonial e da escravidão ainda estão abertas em Gaia e o sangue escorre para todos que quiserem ver.

E, como eu disse, está tudo bem. Ou estava, até algum tempo atrás, eu acho. Nossos incríveis cientistas do progresso descobriram uma forma para que possamos ser salvos.

1 Em específico, esse trecho faz referência ao livro *Catástrofe ancestral – Existências no liberalismo tardio*, de Elizabeth A. Povinelli. [Elizabeth A. Povinelli. *Catástrofe ancestral – Existências no liberalismo tardio*. Tradução de Mariana Lima e Mariana Ruggieri. São Paulo: Ubu, 2024.]

Eu tinha sete anos quando entrei em contato com Urano pela primeira vez. Tudo era lindo. Obviamente, tive um pouco de dificuldade em me acostumar, ainda mais que eu só podia visitá-lo por cerca de uma ou duas horas por dia. Nem me lembro ao certo quando nós mudamos oficialmente de mundo, foi gradual. A princípio, as águas de Éter eram selvagens, não haviam ainda mapeado as suas rotas, e, se alguém se descuidasse, acabava em lugares em que não deveria estar. Admito que sempre fui curioso e, talvez porque eu não pudesse explorar Gaia, me aventurei logo cedo. Comecei pelos Fóruns, ambientes com diferentes organizações, decorações e participantes. Esses locais pareciam já ter se estabelecido havia um tempo, talvez tenham sido criados logo com a chegada dos primeiros imigrantes a Urano, uma vez que era necessário ter alguma forma de conectar pessoas com interesses semelhantes. Era fascinante acompanhar as discussões calorosas que aconteciam quando um assunto controverso aparecia, e, por incrível que pareça, eram discussões realmente proveitosas. Ainda podemos ver os ecos dessas comunidades em sítios abandonados. Por outro lado, existe um outro sítio antigo que eu costumava visitar e que ainda recebe diariamente incontáveis apresentações de variadas categorias: humor, notícias, informações sobre os mais diversos hobbies, teorias da conspiração, música e outras expressões artísticas; é quase impossível alguém não achar sua plateia nesse sítio, mesmo que às vezes ela não esteja ali exatamente para elogiar.

Talvez esse sítio de apresentações tenha sido um dos primeiros em que percebi a aparição das Máquinas, uma possível consequência e, ao mesmo tempo, causa do processo de “amerdamento” (uma tradução livre do termo *Enshittification* cunhado por Cory Doctorow).² Antes nossa entrada era livre, podíamos nos sentar no local que quiséssemos para assistir às apresentações, não havia muitas campanhas publicitárias aparecendo sem serem convidadas e até mesmo os apresentadores não costumavam ser bancados por essas campanhas. Claro, no início a qualidade de imagem e de som não era das melhores, ainda estavam descobrindo como realizar uma transposição de qualidade de Gaia a Urano, o que não impedia de sermos entretidos. Parecia que tudo o que podíamos imaginar estava ali, bem ao nosso alcance. Lembro de entrar naquele local para ver gatos dançarinos e ficar mais do que animado de

2 O termo foi cunhado por Cory Doctorow em 2022, em uma postagem de seu blog. O link para a postagem é o seguinte: <<https://doctorow.medium.com/social-quitting-1ce85b67b456>>. Acesso em: 30 jan. 2025.

mostrar aos meus pais aquela performance, enquanto minha mãe dizia que era uma música extremamente irritante e meu pai não esboçava uma grande reação – ainda assim, naquele momento eu sentia que estávamos unidos nos entretendo a partir de um ponto comum.

Acredito que o maior medo que tenho com o aumento de Máquinas se passando por humanos é perder a sensação de comunidade que foi sendo desenvolvida desde o primeiro momento que migramos para esse outro espaço. Humanos são seres sociais. Nós criamos relações e somos transformados por essas relações, e não nos relacionamos somente com outros humanos, e sim com outros viventes e não viventes. Donna Haraway³ nos traz reflexões interessantes ao apontar as espécies companheiras, trazendo os cachorros como mais-que-humanos com os quais entrelaçamos nossas existências. Juliana Fausto,⁴ também na mesma ideia de espécies de companhia, discute as relações gato-gato e gato-humano, analisando como a sua própria vida se modificou a partir das relações cosmopolíticas dos animais que passaram a viver com ela. E até mesmo em Urano nós não perdemos o desejo de nos conectar com mais-que-humanos. Sítios como *NeoPets* trazem a possibilidade de cuidarmos, interagirmos e criarmos vínculos com criaturas que não existem fisicamente em Gaia, e, a partir dessas interações, também se cria uma comunidade ao redor dessa experiência. Os humanos em Urano mimetizam as possibilidades de interações dos humanos de Gaia e as expandem, criando comunidades que seriam impossibilitadas pelas distâncias físicas ou outros motivos em Gaia.

Eu mesmo, quando mais novo, era impossibilitado por doenças respiratórias de interagir com outras crianças em Gaia. Correr pelos campos verdes cada vez mais raros era um chamado para ser obrigado a ficar na cama no dia seguinte. Mas em Urano não. Eu era livre para navegar as águas e encontrar campos de batalhas de faz de conta onde outros criavam e propunham novos jogos diariamente e formavam comunidades ao redor desses jogos. As comunidades cresciam ou não, popularizavam-se ou não, duravam ou não,

3 O trabalho referenciado é *O manifesto das espécies companheiras – cachorros, pessoas e alteridade significativa*, de Donna Haraway. [Donna Haraway. *O manifesto das espécies companheiras – cachorros, pessoas e alteridade significativa*. Tradução de Pê Moreira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.]

4 O trabalho referenciado é *A cosmopolítica dos animais*, de Juliana Fausto. [Juliana Fausto. *A cosmopolítica dos animais*. São Paulo: n-1, 2020.]

porém sempre proporcionavam um aspecto social que muitas vezes faltava a nós quando voltávamos a Gaia.

Eu poderia dizer que alguns de nós éramos mais refugiados do que imigrantes. Urano, ao possibilitar a criação de comunidades de seres que provavelmente não interagiriam em Gaia, criou redutos em suas bordas para nós, monstros. Quando eu retornava a Gaia com suas paisagens já destruídas, encontrava humanos que haviam perdido a habilidade de sonhar, e seus corações enrijeciam com as ilusões do capitalismo. Naquela época, as ilusões ainda não tinham prendido Urano completamente aos seus tentáculos maquinários de um modo tão aparente.

É difícil dizer exatamente quanto eles se voltaram contra nós. Conhecidos também como Bots ou IAs, as Máquinas sempre estiveram conosco desde o início de Urano e seus criadores as ordenavam a cumprir funções básicas, como a contagem de visitantes ou o balançar de uma raquete durante um jogo amistoso. Porém seu potencial destrutivo foi logo descoberto: conjuntos maquinários ordenados a destruir estruturas inteiras de sítios por meio de ações repetitivas e ininterruptas impedindo o acesso de humanos a esses locais, Máquinas mineradoras colocadas no subsolo de Urano para adquirir informações de humanos que exploram sem proteção e até mesmo Máquinas que se acoplam a humanos desprotegidos para propagar doenças nativas de Urano. Essas e outras funções começaram a ser documentadas e combatidas, independentemente ou por empresas que mais uma vez viram oportunidade na tragédia alheia.

Ainda assim, navegamos.

II. Monstros

Since childhood, I've been faithful to monsters.
I have been saved and absolved by them,
because monsters, I believe,
are patron saints of our blissful imperfection,
and they allow and embody the possibility of failing and live.

Guillermo del Toro

As tripulações de mais-que-humanos que navegam Urano além da legalidade há muito são um tópico de interesse. Acredito que me deparei pela primeira vez com esses Piratas quando estava à procura de um emulador. Emuladores são, em resumo, simulacros de videogames de Gaia que permitem a leitura de ROMs (*Read Only Memory*, ou Memória Somente de Leitura), ROMs sendo arquivos que contêm as informações de jogos. Sendo assim, jogos a que o acesso, em Gaia, era possível apenas mediante pagamento, estavam disponíveis gratuitamente em Urano. E não apenas jogos, mas também músicas, ferramentas, livros e artigos, todos são possíveis alvos dos Piratas que os expõem em seus sítios com orgulho. Eu achei seus atos de rebelião fascinantes, afinal, eles permitiam o acesso à informação a pessoas que, em Gaia, não o poderiam ter facilmente. As mercadorias se tornavam novamente um bem comum a ser compartilhado, o que causou inúmeras batalhas. Tripulações inteiras foram dizimadas pelos tentáculos maquinários e, com elas, incontáveis obras foram perdidas.

Uma vez me aproximei de uma dessas tripulações, queria agradecer por um filme que haviam me emprestado, porém uma reviravolta de eventos ocorreu. Nessa ocasião, as Máquinas estavam à procura de exploradores desprotegidos, e minhas proteções estavam desatualizadas. Eu era um alvo fácil. Mas felizmente um ser de gênero indefinido e aparência androide me resgatou. Elu, em vez de cabelos, tinha longos cabos que pareciam ter vida própria e auxiliavam na criação de proteções contra os invasores, parecia a

releitura de uma Górgona. A princípio fiquei em choque, só que a aparência daquele ser me parecia fascinante e, naquele momento, algo em mim mudou.

Fui levado pela tripulação a um sítio recluso, abaixo da superfície e próximo a uma fenda que levava às Profundezas. Eles me disseram para esperar ali, enquanto iriam buscar equipamentos de proteção para mim, e, em seguida, dois ou três Piratas entraram na fenda. Enquanto isso, outros membros da tripulação pareciam estar arrumando o local para passar a noite, e eu fiquei os observando. Quando começaram a ficar mais confortáveis, tirando suas bandanas, máscaras e revelando quem eram por trás dos ícones, percebi que muitos deles eram “diferentes”. Fora a criatura de aparência mitológica, seres com seus corpos cobertos por pelugem ou plumagem, andróides e criptídeos diversos faziam parte daquela tripulação. Estranhei um pouco, mas havia algo tão real e humano naquelas criaturas mais-que-humanas. O ambiente sério logo se desmanchou em risadas e camaradagem, com aquelas existências fascinantes se divertindo, interagindo, dançando. Em Gaia, foi dito que qualquer coisa que se afastasse do ideal de humano era menor, menos importante, menos digno, e isso nunca me pareceu certo, talvez porque no fundo eu soubesse que eles estavam dizendo tanto sobre o outro quanto sobre mim. Em Gaia, outras crianças me viam e sabiam que eu não era como elas, se afastavam, e eu não sabia ao certo com quem me refugiar. Em Urano, porém, foi a primeira vez que vi existências como a minha: seres que ultrapassavam os conceitos do gênero humano.

No dia seguinte, a tripulação seguiu seu rumo e eu segui o meu. Com o passar dos meses, vivendo em Urano, passei a ter um olhar mais cuidadoso ao desbravar novos locais e percebi cada vez mais existências distintas. As possibilidades de personalização, transformação e inconformação estavam diante dos meus olhos, mas precisei de alguém mais experiente que as revelasse para mim. Eventualmente, encontrei um pequeno grupo de mais-que-humanos que se expressavam por performances extravagantes e coloridas, criando e cocriando sonhos, e com eles acabei ficando. Meus cabelos se alongaram com o tempo e se tornaram como sombras, minhas unhas também ficaram maiores e mais rígidas e comecei a estudar as técnicas de transformar palavras em criações, assim como Fabuladores anteriores a mim. As existências errantes estão em todos os locais, visíveis ou não, e uma das coisas que mais precisamos é de uma comunidade que nos acolha e nos ajude a traçar os caminhos de aceitação trilhados por nossos anteriores.

Com o passar dos anos, me aventurei mais e mais por Urano, conhecendo existências que antes me pareciam impossíveis, e comecei a notar uma certa mudança no cenário com o tempo. Assim como em Gaia, os caminhos de

navegação passaram por transformações, desaguando repetidamente em dois ou três sítios que começaram a crescer exponencialmente. Parecia que não importava qual caminho tomássemos, acabávamos caindo naquela floresta de pássaros azuis. No começo, até era interessante ter um ponto de encontro comum, mas os problemas logo começaram a aparecer. Os primeiros exploradores abriram o caminho e outros começaram a seguir; assim, pequenos grupos começaram a se formar no mesmo sítio, humanos, monstros, híbridos e outras mais existências, todos convivendo no mesmo local e nem sempre de forma pacífica. Em seguida, as Marcas perceberam ali uma oportunidade e, assim como em Gaia, encheram a paisagem de Urano com seus Outdoors. Os anúncios começaram a tomar conta de locais que deveriam ser destinados a apresentações e criação de comunidades e estampavam a mesma premissa de trazer enriquecimento para aqueles que se convertessem à ilusão do capital. Lentamente, os humanos de Urano começaram a ser convertidos, padronizados assim como os sítios, plastificados em suas aparências e modos de agir e, infelizmente, o pior ainda estava por vir.

Nunca pensei que teria que analisar se eu estava conversando com um ser vivo ou com uma Máquina. Elas começaram a se multiplicar furtivamente e, para protestar, ocupavam locais com que outros não se importavam tanto. Em pouco tempo, era mais do que certo que eu estaria conversando com uma ao tentar ser atendido em algum comércio. A ficção científica, como um gênero que permite extrapolar, prever e alertar sobre situações futuras, infelizmente havia acertado. Sítios já abandonados se infestavam com máquinas que apenas repetiam frases pré-prontas, afastando outras existências dali. A floresta de pássaros azuis foi rapidamente estrangulada pelos tentáculos maquinários e passou a ser um local de extração de Ódio e Medo. Outros sítios começaram a fechar também, com a falta de visitantes, migrando para um dos conglomerados que abarcavam a todos em pequenas janelas quadradas e os forçavam a performar polidez para que fossem escutados.

Os refúgios de grupos minoritários em Urano passaram a ser cada vez mais facilmente encontrados e depredados com palavras de Ódio ou, então, se tornaram tão secretos que monstros sem comunidade ficavam ao relento. Canais privados aumentaram em número, servindo como possíveis locais de proteção, mas o medo de que tais plataformas possam ser cooptadas e usadas contra nós é cada vez mais real. Me pergunto se o maquinário tentacular capitalista sempre teve a intenção de nos alienar dessa forma.

Rumores de que dois terços das áreas navegáveis haviam morrido, sido abandonadas ou tomadas por Máquinas começaram a se espalhar.⁵ Realmente, sinto que com o passar do tempo diminuiu-se a alegria que tinha de navegar por áreas desconhecidas, explorar novos sítios, conhecer novas existências, angariar conhecimento... As sensações parecem mais plastificadas e programadas, feitas para se adequar a um padrão que não compreende existências múltiplas, de órgãos disformes ou aparência extravagante. Assim como em Gaia, monstros continuam sendo perseguidos.

- 5 Esse trecho é uma extrapolação da Teoria da Internet Morta, publicada em diferentes fóruns. A postagem intitulada “Dead Internet Theory: Most of the Internet is Fake”, do usuário IlluminatiPirate no fórum Agora Road’s Macintosh Café, é considerada um dos primeiros e mais influentes veículos de disseminação dessa teoria. Essa postagem pode ser acessada no link: <<https://forum.agoraroad.com/index.php?threads/dead-internet-theory-most-of-the-internet-is-fake.3011/>>. Acesso em: 30 jan. 2025.

III. Fungos

decay exists as an extant form of life

Postagem do usuário personsonable no site Tumblr⁶

Desde que me deparei com os trabalhos de Anna Tsing,⁷ me tornei mais atento aos cogumelos. Tanto me fascinavam as interações de micorrizas quanto a criação de micélios, conectando seres individuais em uma grande interligação que torna o conjunto e o indivíduo mais adeptos à sobrevivência. A figura dos fungos parece ser controversa, muitas vezes alinhados a situações desconfortáveis ou danosas a outras existências, sendo, ao mesmo tempo, importantes agentes na indústria alimentícia, farmacêutica e como decompositores. Para mim, os fungos são existências que ultrapassam a dicotomia da vida e da morte, uma entidade não binária.

Se eu puder me atrever a sonhar com um futuro pós-antropoceno, de forma semelhante àquela que Donna Haraway propôs o seu Chthuluceno,⁸

6 Acesso a postagem original foi perdido, mas é possível visualizar a postagem completa por meio do site Internet Archive: <<https://web.archive.org/web/20180701172159/http://miaislying.tumblr.com/post/174932522589/personsonable-miaislying-personsonable-me>>. Acesso em: 30 jan. 2025.

7 Em especial, o trecho faz referência ao livro *O cogumelo no fim do mundo: Sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo*, de Anna Tsing. [Anna Tsing. *O cogumelo no fim do mundo: Sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo*. Tradução de Jorge Menna Barreto & Yudi Rafael. São Paulo: n-1, 2022.]

8 Referência ao artigo “Ficar com o problema: Antropoceno, Capitaloceno, Chthuluceno” de Donna Haraway, no livro *Antropoceno ou Capitaloceno? Natureza, história e a crise do capitalismo*, organizado por Jason W. Moore. [Donna Haraway. “Ficar com o problema: Antropoceno, Capitaloceno, Chthuluceno”. In: Jason W. Moore (org.). *Antropoceno ou Capitaloceno? Natureza, história e a crise do capitalismo*. Tradução de Antônio Xerxenesky & Fernando Silva e Silva. São Paulo: Elefante, 2022.]

gosto da possibilidade de me integrar a um grande micélio que se estende por mais de um mundo. Penso que Urano e Gaia não conseguem mais ser desentrelaçados, então nada mais natural que ambos confluam para criar existências duais, de modo que humanos e mais-que-humanos consigam visto para transitar de forma segura entre ambos e, até mesmo, para futuros mundos. Talvez consigamos revitalizar Vênus e trazer de volta o amor.

Da mesma forma, os tentáculos maquinários que surgiram fora da lógica natural de Gaia já deixaram as marcas de suas ventosas, consumiram recursos e existências, de modo que é impossível pensar num futuro sem considerar suas consequências. Ainda assim, gostaria de imaginar que eles se retrairiam e, eventualmente, conseguiríamos diminuir os danos causados. Assim, os Piratas poderiam se aposentar de suas atividades, pois o acesso à informação seria universal. O conhecimento científico não teria partes restringidas atrás de janelas de pagamentos e patentes, já que não seria necessário que os cientistas recorressem a essas táticas para poderem continuar sua pesquisa, pois a atividade científica seria valorizada.

Gostaria de ver os povos originários de Gaia e os refugiados monstruosos de Urano sendo conectados, para que suas epistemologias confluíssem em novas tecnologias que respeitam a vida de todos os mais-que-humanos. Imagino tecnologias que não serão utilizadas para alienar, e sim para criar e manter comunidades que extrapolam as barreiras físicas de distância e permitem formar redes de auxílio multiespécies. Não mais habitações individualistas que extraem uma ou duas pessoas e as mantêm cercadas por muros, e sim casas que se conectam a um espaço comunal, em que atividades em grupo são realizadas para o bem pessoal e da comunidade. Um ambiente em que os descendentes de diferentes espécies possam interagir e existir uns com os outros, em que haja espaço para crianças andróides, monstruosas e fúngicas também. Penso em um futuro em que as existências se misturem cada vez mais e que variadas existências sejam aceitas, de modo que não tenhamos mais a obrigação de sermos apenas humanos e possamos ser mais que humanos. Um tempo para presenciar existências que entraram em simbiose com seus companheiros e burlaram a dicotomia eu e outro. Imagino existências não binárias e mais-que-binárias.

Se antes, quando mais novo, meu desejo era me refugiar em Urano e não precisar lidar com os problemas de Gaia, vejo que agora minha aspiração é outra. Como um cientista que viu desde cedo as maravilhas de Urano e observou seu decair, sucumbindo aos desejos da mercadoria, percebo que não há Urano sem Gaia, e, a cada dia que passa, há menos de Gaia. Porém, com um olhar mais maduro, vejo que há existências e resistências nos mais diversos

cantos, das mais diversas formas. Vejo professores, ativistas, universitários, donas de casa e crianças, cada um com sua forma de ver o mundo, sobrevivendo nas ruínas e procurando formas de cultivar felicidades ao seu redor. Por isso, ousou sonhar com o Futuro. Possivelmente o Futuro não será exatamente como eu penso. Ainda assim, da mesma forma que histórias produzem histórias, espero que esperanças produzam esperanças. Assim como a história de Gaia e seus habitantes ainda não se encerrou, essa fabulação não se encerra com as minhas palavras, pois continuarei a me atrever a sonhar.

Nosso agradecimento aos apoiadores da campanha
Colofão – Financiamento coletivo da Chão da Feira

Larissa Franco	Camila Lombardi Torres	Lucia Campos
Guilherme Gontijo Flores	Bernardo Esteves	Octavio Scapin Costa
Rosa Cristina Vieira	Gonçalves da Costa	Pereira
Silvia Amelia Nogueira	Rafael Barros Gomes	Marisol Barenco Mello
Mayara Blasi	Juliana Garcia Teixeira	Douglas Cristiano Silva
Debora Salomao	Mariana Mól	Filipe Costa Silva
Valeska Alves-Brinkmann	Paula de Souza Carmo	Diogo Silva Da Cunha
Rafael Camisassa	Milene Migliano Gonzaga	Ewerton Belico de Sousa
Patrícia Mourão	Maria de Fátima	Thiago Panini Primolan
Karine Assis	Junqueira Fenati	Sofia Salustiano Botelho
Lilian Jacoto	Guilherme Freitas	Claudia Gimenez
Ana Martins Marques	Bernardo Romagnoli	Victor Guimaraes
Elisa Marques	Bethonico	Nina de Figueiredo Brina
Michelle Santos Sena	Nadia Rodrigues	Aragon
de Oliveira	de Figueiredo	Rita Davis Cavalcanti
Aline Magalhães Pinto	Mariana Moura Cruz	Amir Brito Cador
Julia Baumfeld Machado	Mariana Zani	Natalia Timerman
Joao Guimaraes	Julia Panadés	Rafael Souza de Oliveira
Julia Raiz do Nascimento	Felipe Chemicatti	Mariana Lage
Lia Baron	Larissa Lins	Ana Paula Silva de Assis
Paulo Andre	Nathalia Scherer	Flavia Andrade Mafra
Felipe Magalhães	Diogo Cronemberger	Luiz Eduardo Araripe
Joana Tavares Pinto	Renata Hesseler Kreutz	Pretti Miranda
Maria Leite Chiaretti	Carla Maia	Rita Aragão de Podestá
Flávia Drummond Naves	Pedro Rena Todeschi	Fabiano Campelo
Carolina Junqueira	Leila Danziger	Bechelany
Mônica de Aquino	Laura Krebs Alvares	Icaro Ferraz Vidal Junior
Roberta Carvalho	Suzana Teixeira	Júlia Lopes
Romagnoli	de Macedo	Isabela Cristina Coelho
Desirée Kinoshita Ribeiro de	Maria Rita Drummond Viana	Amano Carmo da Mota
Oliveira	Reuben da Rocha	Isaac Pinto Firmino
Tatiana Blass	Ana Rabello	Pedro Meira Monteiro
Marcella Prado	Fernanda Regaldo	
André Guimarães Brasil	Herbert Baioco	
Paula Oliveira	Olivia Loureiro Viana	

Caderno de Leituras 187 | 2025

Mais-que-binário

Fábio Danillo Alves de Oliveira

Edição

Paulo Maia e Maria Carolina Fenati

Preparação de texto

Luís Matheus Brito e Maria Carolina Fenati

Revisão

Andrea Stahel

Projeto gráfico

Luísa Rabello

Coordenação da coleção

Luísa Rabello e Maria Carolina Fenati

Composto em Suisse Works e PP Neue Montreal

ISSN 2764-3301

Edições Chão da Feira

Belo Horizonte, dezembro de 2025

Esta e outras publicações da editora

estão disponíveis em www.chaodafeira.com